

# O DISCURSO SOBRE O BULLYING NA MÍDIA E OS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

*Jackeline Rodrigues da Silva*

Acadêmica do 10º Semestre do curso de Psicologia do UNIVAG. Graduada em Direito no UNIVAG. Mestranda em Psicologia na UFMT.

*Vilmar Lemos dos Santos*

Acadêmico do 10º semestre do curso de Psicologia do UNIVAG.

*Renata Vilela Rodrigues*

Profa. Orientadora do curso de Psicologia do UNIVAG. Graduada em Psicologia e Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea, ambos pela UFMT.

## **Resumo**

A prática do *bullying* vem preocupando a sociedade nas suas mais diversas esferas. Nas unidades escolares têm existido e causado muito conflitos, além de prejudicar a saúde física e mental daqueles que sofrem com esse tipo de situação. O objetivo deste ensaio teórico concerne em analisar criticamente a temática a partir de três casos tratados pela mídia nacional e internacional. As reportagens trazidas revelam os mais diversos motivos para que essa violência seja cometida, bem como as consequências dessas na vida escolar e social dos sujeitos. Visualiza-se, também, que as práticas de *bullying* são situações que surgem pela ausência em instituição de ensino de estratégias preventivas concernentes a violência com o envolvimento dos alunos e, inclusive, profissionais da educação, que deveriam estar combatendo e evitando essas situações. A partir da análise dos casos, conclui-se que é importante que a mídia exponha a realidade existente em ambientes escolares, bem como, a atuação dos profissionais de psicologia na prevenção e resolução dos casos de *bullying* já existentes.

**Palavras-chave:** *Bullying*. Educação, Psicologia, Sociedade, Mídia.

## **Abstract**

The practice of bullying has been worrying society in its most diverse spheres. In school units there have been and caused a lot of conflicts, in addition to harming the physical and mental health of those who suffer from this type of situation. The objective of this theoretical essay is to critically analyze the theme from three cases treated by the national and international media. The reports brought reveal the most diverse reasons for this violence to be committed, as well as the consequences of these in the subjects' school and social life. It can also be seen that bullying practices are situations that arise due to the absence in a teaching institution of preventive strategies concerning violence with the involvement of students and even education professionals, who should be fighting and avoiding these situations. From the analysis of the cases, it is concluded that it is important that the media expose the existing reality in school environments and that concern families, friends, teachers and the whole society and the role of psychology professionals in the prevention and resolution of bullying cases already existing.

**Keywords:** Bullying. Education, Psychology, Society, Media.

## 1. INTRODUÇÃO

Este texto trata-se de um ensaio teórico tem como fulcro oportunizar o estudo do *bullying* existente nas unidades escolares, o modo que prejudicam o desenvolvimento físico, psíquico e social das crianças que vivenciam e sofrem com essa prática agressiva. Assim como, relacionar com o impacto que esses fatos refletem na sociedade por meio das mídias sociais, como as diversas modalidades de práticas do *bullying* podem estar sendo praticadas e causando danos nas vidas das crianças.

O *bullying* é uma prática negativa, intitulada como uma forma de violência e que ocorre, principalmente, no contexto escolar de forma generalizada, podendo ser com crianças e/ou adolescentes. Tem sua essência na violência em que agressor pratica em relação a outro colega de escola, normalmente, essa vítima não consegue reagir às agressões, possibilitando possíveis danos psicológicos e/ou físicos. Ainda, essa violência se dá de forma repetida e continuada, podendo sê-la física ou psicológica, de forma proposital, sem um objetivo específico, ou sem intencionalidade do ato de violência, quando praticados por crianças (NETO, 2005).

Esses tipos de violência ocorrem em vários contextos, com um ou vários agressores, sendo que tais situações poderão ocorrer com frequência, a considerar o meio sociocultural e familiar que a vítima vivencia. Segundo Neto (2005), o sujeito que pratica essa violência o faz, em alguns casos, apenas para atender a necessidade de satisfação de suas vontades, seja para ser o centro das atenções, seja para sentir recompensado pelo status de poder, objetos materiais ou por achar engraçado zombar de outra criança.

Com relação à criança vitimizada, com o enfrentamento do *bullying*, em sua maioria, sente-se vulnerável, humilhada, tendo sentimentos de desigualdade ou exclusão. E, por muitas vezes, por não conseguir reagir à agressão, é continuamente agredida, oprimida e maltratada, o que resulta no distanciamento de outros amigos, baixa alta-estima e infelicidade. “Geralmente, é pouco sociável, inseguro e desesperançado quanto à possibilidade de adequação ao grupo. Sua baixa autoestima é agravada por críticas dos adultos sobre a sua vida ou comportamento, dificultando a possibilidade de ajuda” (NETO, 2005, p. 167).

Quanto à criança em idade escolar, muitas vezes, essas desconhecem que o *bullying* se caracteriza como violência e os danos que podem ocasionar, tanto agressor quanto vítima. Esse desconhecimento compromete tanto com a criança/vítima, quanto com a criança/agressora, a criança/vítima internaliza as agressões como verdadeiras e a criança/agressora não compreende a importância e o perigo dessas práticas cruéis no desenvolvimento infantil. Deste modo, a

sociedade deve antecipar essas práticas, evitar que tais violências tornem “normais e comuns” no ambiente escolar (SANTOS, 2009).

Nesse sentido, Freire e Aires (2012, p. 57) relatam que:

É preciso pensar o *bullying* escolar como um fenômeno social, portanto as formas de enfrentamento e prevenção devem estar em plena comunhão com o contexto onde ocorre, envolvendo medidas psicopedagógicas e preventivas que levem em consideração aspectos sociais, psicológicos e econômicos muito mais do que medidas caracterizadas por punições, ameaças e intimidações ou formas prontas de enfrentamento.

É necessário compreender que toda a comunidade escolar, incluindo equipe gestora, todos os profissionais da educação, bem como, pais e/ou responsáveis e, inclusive os próprios alunos devem se mobilizar contra o *bullying*, através de ações e estratégias capazes de esclarecer a gravidade dessas práticas agressivas.

Ademais, as equipes multidisciplinares devem estar atentas aos índices de violências nas unidades escolares. É nessa direção que, o psicólogo escolar deve utilizar instrumentos psicológicos como, observação dos alunos, a interação desses alunos nos recreios e salas de aula, por exemplo, além do acolhimento da criança que sofre a violência. O trabalho do psicólogo no contexto escolar se baseia em uma produção científica de conhecimento, no qual objetiva contribuir para aperfeiçoar o processo educativo, entendido como complexo processo de transmissão cultural e de espaço de desenvolvimento da subjetividade (MARTINEZ, 2010).

Diante disso, no intuito de se preocupar com as crianças que sofrem com o *bullying* ou estão sujeitas a esse tipo de agressão, é imprescindível que o psicólogo atue, efetivamente, na prevenção e enfrentamento a essa violência, através de ações e estratégias que focalizem as atitudes agressivas correspondentes ao *bullying* que contribuem para que os conflitos entre os estudantes provoquem danos físicos, cognitivos e psicossociais às vítimas, a fim de educar e promover as condutas éticas, respeitosas e sem preconceito, tornando o ambiente escolar saudável e harmônico entre os estudantes.

A atuação desse profissional é essencial para que as crianças que frequentam escolas conheçam a gravidade dessa prática que compromete o desenvolvimento infantil, abalando o processo de ensino-aprendizagem, relações sociais, psíquicas e físicas. A partir disso, este trabalho tem como objetivo analisar a temática *bullying* em escolas através de reportagens em *sites* que trazem os casos ocorridos para a população brasileira e verificar a atuação do profissional psicológico escolar diante dessa problemática. Para isso, utilizaremos como aporte metodológico a análise do discurso foucaultiana, onde analisa-se muito mais que signos, mas

falas com traços históricos que revelam no momento em que são ditas, que podem ser modificáveis e em constantes deslocamentos (FOUCAUT, 1970).

(...) os 'discursos', tais como podemos ouvi-los, tais como podemos lê-los sob a forma de texto, não são, como se poderia esperar, um puro e simples entrecruzamento de coisas e palavras: trama obscura das coisas, cadeia manifesta, visível e colorida das palavras; gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência (FOUCAULT, 2007, p. 54-55).

De tal modo, que todas as informações escritas nas entrevistas serão analisadas, tendo em vista que nada pode se perder, pois são marcas que direcionam os posicionamentos, situações e relações existentes no contexto.

Para alcançar nosso objetivo, nos propomos, em um primeiro momento, discorrer sobre infância e *bullying* para dar visibilidade teórica as essas duas categorias discursivas que se mostram importantes nesta discussão. Em seguida, analisamos os discursos de 03 (três) reportagens jornalísticas *online* sobre práticas de *bullying* em escolas brasileiras, a fim de problematizarmos as consequências destes atos. Para finalizar, discutimos de forma crítica sobre a atuação do psicólogo escolar frente a esta problemática, apontando os direcionamentos para uma atuação preventiva e relacional na educação.

## 2. INFÂNCIA

A infância é fundamental para que a criança se conheça, conheça todos e tudo que está ao seu redor, aprenda a se manifestar e exteriorizar suas ações e emoções. É uma fase do desenvolvimento humano que o sujeito deve vivenciar para sua formação física e emocional. É preciso saber que fatores externos à criança irão interferir no seu desenvolvimento, alterando-o ou retardando-o (JUNIOR, 2014).

O conceito de infância vem sendo trazido de forma mais ampla desde a idade média, onde tal conceito não era aplicado a prática, fazendo com que as crianças da época fossem tratadas como adultos em miniatura, cuja educação se dava em meio aos adultos, onde eram ensinados: costumes e valores, além de aprendizagens em oficinas em conjunto com os artesãos da época. Dessa forma, a primeira infância nos remete ao trabalho, de maneira que as aprendizagens, em aldeias e em espaços públicos também tinham papel central na vida da criança (ARIÉS, 1984 *apud* PINHEIRO, 2003).

Nesse mesmo aspecto, a infância na idade média remetia a ausência de sentimento com em relação à mesma, pois aspectos como taxa de mortalidade, precariedade nos cuidados de

higiene e preservação da vida, além do pouco desenvolvimento da medicina eram tratados como “naturais” e inevitáveis a época. Mas, quando a criança sobrevivia, se festejava por ela ter sido forte, porém, logo eram inseridas no mundo dos adultos para aprender a vivê-lo o mais rápido possível (PINHEIRO, 2003).

Segundo Pinheiro (2003), foi na passagem do Renascimento para a Idade Moderna que a criança passou a ser reconhecida historicamente, impactando nos campos econômicos, sociais e político, os pais começaram o enxergar e preocupar com as crianças, cuidando da saúde, higiene e não apenas com o intuito de evitar suas mortes.

Se a família medieval era uma realidade mais política, social e moral do que sentimental, tendo nos filhos a sua própria extensão, e vivendo em um clima de intensa sociabilidade, a família moderna passa, aos poucos, a se constituir enquanto família nuclear, abandonando os antigos laços de sociabilidade, fechando-se em espaços mais privados nos quais a criança assume papel central (CF. ARIÈS, 1984; GELIS, 1991 *apud* PINHEIRO, 2003, p. 52).

A partir dos séculos XVI e XVII, a moral e a educação passaram a ser algo crucial na vida da criança, visto que a criança não tinha nenhum dever moral com a escola, e era buscado apenas como instrução para manter acesso à civilidade do sentimento de comunidade. A partir da Idade Moderna esse modelo mudou, passando a moral cristã a nortear tais interesses. De forma que sobre o comando do estado e da igreja, propunham-se formar um sujeito apto as regras da civilidade, ao qual vinham com a o nascimento da industrialização. Desse novo modelo de produção se estabeleceu o “capitalismo” (PINHEIRO, 2003).

Neste sentido, Pinheiro (2003, p. 52), relata que:

A partir dessa nova forma de sociabilidade, o que ficou disseminado enquanto conceito real e verdadeiro foi o conceito burguês de criança: dependente, heterônoma, universal, abstrata, cuja natureza infantil independe de quais quer condições econômicas, culturais ou sociais. Todas as crianças teriam as mesmas características advindas única e exclusivamente de sua Natureza Infantil.

É nesse sentido que a infância se constitui a partir de diferentes formas e lugares, nos diferentes contextos sociais, econômicos e culturais nos quais as mesmas estão inseridas. Fazendo com que corpo, como componente biológico, se configure como expressão da subjetividade infantil, demonstrando seus valores, suas crenças e sua imagem a sociedade, compreendendo que não existe apenas uma única forma de se estudar a criança, pois a criança é um sujeito único e singular aos seus fatores culturais (PINHEIRO, 2003).

Ademais, verifica-se que é importante observar e participar do desenvolvimento humano da criança para que não ocorram problemas no âmbito pessoal ou social, sem

consequências negativas, sejam físicas, cognitivo e psicossocial. Desse modo, a interação da criança com brinquedos, jogos, atividades lúdicas irão ajudá-los a construir suas culturas infantis, são usados como objetivos pedagógicos tanto nas escolas como também na família, pois, verificam-se que realmente influencia com as crianças, além de ser divertidos e lúdicos (MONTEIRO; DELGADO, 2014).

Entretanto, para que a infância seja tranquila, é importante a participação dos pais e professores, e nem sempre é assim. Infelizmente, há muitas situações que irão atrapalhar o desenvolvimento da criança, como violência física e psicológica intrafamiliar, necessidades da vida cotidiana, pais desempregados, que se envolvem com substâncias químicas, falta de alimentação, por exemplos.

Ademais, é importante entender a família como responsável pelo desenvolvimento da criança, conforme o art. 227, da Constituição federal de 1988:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988, p. 132).

Assim, é necessário que o desenvolvimento da criança não tenha que passar por traumas ou violências, sendo preciso cuidar da criança com prioridade por serem mais vulneráveis às dificuldades e diante de conflitos. Assim, educar os pais e os responsáveis é torná-los capazes de formar uma família com dignidade, educar profissionais da área da saúde, educação, assistência social, justiça, segurança pública, comunidades, é prepará-los para encarar e agir os diversos casos de violência contra a criança. E, ainda, educar as crianças para que elas não tenham medo de pedir socorro quando vivenciar agressões (ASSIS *et al*, 210).

### 3. BULLYING

A violência em todas as suas esferas tem preocupado a nossa sociedade. Atualmente, visualizamos as práticas de *bullying*, um assunto complexo e desafiador, que expõe de forma devastadora a intolerância às diferenças como também produz a covardia nas relações interpessoais e que está diretamente relacionada à aprendizagem e à prática pedagógica (MAURO, 2010).

O *bullying* pode ser definido como um conjunto de ações agressivas, sendo elas verbais ou físicas, de forma intencional e repetitiva, que podem ser provocadas por uma pessoa ou mais,

contra outra pessoa, não há motivos aparentes para o cometimento da violência, no entanto, causam dor, angústia e sofrimento (FANTE, 2005). Pode ser caracterizado por:

Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento *bullying* (FANTE, 2005, p. 28-29)

Nesse sentido, define-se prática agressiva como:

Um comportamento ofensivo, aviltante, humilhante, que desmoraliza de maneira repetida, com ataques violentos, cruéis e maliciosos, sejam físicos, sejam psicológicos. É um problema universal, uma epidemia invisível admitida como natural em alguns casos, desvalorizados em outros e, na maioria das vezes ignorada. (CHALITA, 2008, p. 82).

As crianças vítimas desse tipo de violência não costumam procurar ajuda e passam a enfrentar essa problemática sozinhas. Há os que assistem o *bullying* sendo praticado com o colega e prefere não se envolver no conflito, outros que defendem sofrem o risco de serem as próximas vítimas. Diante disso, devido à grande incidência de práticas agressivas, todo o ambiente escolar é prejudicado (SHAFER, 2005). Há muitas crianças praticando o *bullying*, que nem sempre é perceptível por outras pessoas, é importante observar o comportamento da criança, suposta vítima do abuso, qualquer alteração no comportamento pode ser um indício dessa agressão (FANTE, 2005).

Nesse aspecto, certas atitudes devem ser observadas, referente à relação dos alunos com a escola, de maneira que os comportamentos e atitudes da criança podem se manifestas de maneiras diferentes em diferentes situações. Santos e Grossi (2008, p. 299) declaram que:

Certas atitudes dos jovens em relação à escola devem ser observadas. [...] Entre elas, merecem destaque: sentir-se mal perto da hora de ir à escola; revelar medo de ir ou voltar da escola; isolar-se do grupo ou ficar próximo do professor ou de um adulto, durante os intervalos; manifestar sintomas como: cefaleia, enjoos, vômitos, dores de estômago, tontura, etc.; apresentar machucados inexplicáveis e/ou roupas e materiais danificados; “perder” repetidamente pertences e dinheiro; demonstrar mudança de comportamento/ansioso, arredo e deprimido, baixa autoestima; evitar falar sobre o que se passa ou dar desculpas pouco convincentes; apresentar baixo rendimento escolar, faltas excessivas e pedidos de troca de escola.

É importante que a escola observe as relações entre os alunos, bem como seu rendimento escolar e comportamentos estranhos de crianças, tendo em vista que a escola deve estimular o ensino e o desenvolvimento de atitudes que valorizem a prática da tolerância e da solidariedade entre os alunos. O diálogo, o respeito e as relações de cooperação precisam ser valorizados e assumidos por todos os envolvidos no processo educacional (FANTE, 2005, p. 93).

A esse respeito Freire e Aires (2012, p. 56) declaram que:

A escola é um contexto que propicia desenvolvimento de habilidades, competências, formação e desenvolvimento de conceitos, saberes e opiniões, por isso tem o papel fundamental de buscar alternativas para o enfrentamento e prevenção do *bullying*. Nessa perspectiva, aponta-se a importância da inserção do psicólogo escolar/educacional, objetivando realizar um trabalho de prevenção e enfrentamento da violência no contexto em que ocorre.

O psicólogo é o profissional apto para realizar um trabalho de prevenção e enfrentamento a violência escolar, ajudando a escola a construir espaços e relações mais saudáveis. Mas, para isso, é de fundamental importância que ele esteja inserido no ambiente da escola, participando do seu cotidiano para que possa ter uma atuação específica e mais voltada à realidade (FREIRE; AIRES, 2012).

Segundo Martinez (2003), a atuação do psicólogo escolar se baseia na utilização de produção científica, produção essa que é formalizada no contexto escolar, e a qual são atribuídas ao processo educativo, além da transmissão cultural e de desenvolvimento da subjetividade. Um dos objetivos exercidos pelo psicólogo escolar está na otimização do processo educativo, a qual é entendida de forma complexa e ampla aos múltiplos fatores ali intervindos.

A esse respeito Martinez (2003, p. 42) relata que:

Essencialmente, o psicólogo escolar é um profissional que utiliza os conhecimentos produzidos sobre o funcionamento psicológico humano para colaborar com os processos de aprendizagem e desenvolvimento que têm lugar no contexto escolar, tendo em conta a complexa teia de elementos e dimensões que nos caracterizam e que, de alguma forma, nos determinam.

Algumas das principais atuações do psicólogo escolar está na orientação de pais e professores no que se refere às dificuldades dos alunos e outros interesses para o desenvolvimento do aluno em fase escolar, isto decorre também de outras formas de atuações do psicólogo escolar. Dessa forma, o trabalho do psicólogo não é baseado na psicoterapia (ao qual não é função do psicólogo escolar), mas sim na colaboração com outros profissionais da escola, objetivando a superação de dificuldades concretas e o bem-estar emocional e de desenvolvimento psicológico dos alunos que compõe a escola (MARTINEZ, 2003).

Assim, as intervenções do psicólogo na escola visam a relação para superar as dificuldades dos alunos, de forma a contribuir para o processo educativo, incorporando a fatores contextuais, sócio relacionais, contribuindo a configuração subjetiva do aluno em toda a sua subjetividade e dimensão cognitivo presente.

Segundo Andrada (2005), a atuação do psicólogo escolar vai além da orientação e dos processos referentes ao desenvolvimento do contexto escolar. O psicólogo visa dar espaço para escuta das demandas da escola e possibilitando pensar em maneiras de lidar com as situações que são cotidianas, além de promover uma reflexão entre a escola e os sujeitos que nela estão, a fim de trabalhar suas relações e seus paradigmas.

Dessa maneira, o trabalho do psicólogo pode ser feito através de recursos como desenhos a partir dos quais orientam para escreverem o que pensam, sentem e como se percebem com a sala de aula e o restante da escola. Da mesma forma, ouvir os professores, suas demandas e fazê-los participarem junto às crianças de forma a repensarem novas práticas e novas reflexões acerto dos alunos e dos alunos chamados “problema”. Quanto aos estudantes que praticam *bullying*, a atuação do psicólogo também conta na participação de diálogos entre a equipe pedagógica, de forma que promovam novas reflexões para que acabem com o paradigma de modelo para com os alunos com dificuldades.

Ainda, vale ressaltar que, a participação da família no contexto escolar é fundamental para identificar os casos de *bullying*, quando existem. É importante que a família reconheça e compreenda ser necessária intervenção do profissional quando houver esse tipo de violência, pois os danos resultantes dessas práticas agressivas comprometem o seu desenvolvimento (SANTOS; GROSSI, 2008).

Enfim, a atuação do psicólogo se faz presente em tudo que envolve o desenvolvimento dos alunos escolares, nas reuniões de conselho de classe, no cotidiano da escola, nos diagnósticos imprecisos e hipóteses únicas e no olhar mais atento dos alunos (ANDRADA, 2005).

Desse modo, o *Bullying*, que é um tipo de violência, principalmente psicológica, está presente no convívio diário entre crianças nas unidades escolares. Muitas crianças não reconhecem a importância de evitar ou impedir essa prática agressiva e como é prejudicial à saúde física e psíquica de quem sofre essa violência.

Infelizmente, essa violência ocorre, com mais frequência, nos ambientes escolares, a falta de compreensão e intolerância com as diferenças sociais, físicas, comportamentais existentes, falta de orientação e prevenção dos conflitos existentes entre crianças levam a situações de *bullying* que poderá permear durante toda a vida daqueles que sofrem com essa violência. É necessário, nessa direção, conhecer as ações e estratégias de defesa para crianças que sofram ou são potenciais vítimas para que seja possível intervir e lidar com o *bullying* na escola, bem como em qualquer outro ambiente que possam vir a frequentar.

#### 4. OS DISCURSOS SOBRE O BULLYING NA MÍDIA

O *bullying* nas unidades escolares tem existido e causado muito conflitos, além de prejudicar a saúde física e mental daqueles que sofrem com esse tipo de situação. Propomos, aqui, uma análise desta temática a partir de três casos tratados pela mídia nacional e internacional. As reportagens trazidas revelam essa problemática e os mais diversos motivos para que essa violência seja cometida, são situações que foram expostas pela ausência de providências para culpabilizar os praticantes desse tipo de violência, que, em instituição de ensino, podem ser alunos e, inclusive, profissionais da educação, que deveriam estar combatendo e evitando essas situações.

Ademais, percebe-se que as exposições do *bullying* nas mídias ocorrem por grande disseminação desse ato estarem se tornando uma infeliz realidade constante nas escolas, preocupando os pais, profissionais da educação e toda a sociedade que tomam ciência dos casos de *bullying* (FREIRE; AIRES, 2012). As reportagens apresentadas neste trabalho demonstram um ponto de convergência nos discursos de mídia escolhidos para formulação do mesmo, no qual tem como principal meio de violência o *bullying* cometido pelos agressores, pela sociedade e por meios de comunicação que acabam por divulgar as notícias dos crimes ou formas de agressões que as vítimas sofrem, de maneira individual e particular, sejam elas nos ambientes escolares, públicos e sociais.

Na primeira reportagem temos o caso do aluno de Piracicaba (SP) de onze anos de idade, no 6º ano de ensino fundamental que foi vítima de *bullying* começando pela própria professora da instituição de ensino ao qual dava aula para o mesmo, relatando de forma indireta “sem citar o nome” que o aluno se parecia com o personagem da novela, aos quais os outros colegas de sala confirmaram se parecer com o “Félix” personagem da novela das 21h da Rede Globo "Amor à Vida" no qual foi ao ar no de 2013, de maneira a incitar que o menino se parecia com o “administrador gay de um hospital”.

O caso ocorreu na tarde da quarta-feira, dia 07 de agosto de 2013, em uma escola estadual do município acima referenciado. No andamento do caso, segundo o relato da mãe, o menino retornou das férias utilizando óculos novos sob prescrição médica e, dessa forma, o uso dos óculos pelo mesmo se tornou um potencializador para a agressão verbal sofrido pelo menino que, logo depois, veio a se tornar uma prática de *bullying*.

Segundo a reportagem, a professora, ao notar a diferença no menino, expressou que ele se parecia com um alguém, porém não podia dizer o nome, logo depois de acordo com o relato da mãe,

os demais colegas de sala disseram o nome do personagem (Felix), ao qual a professora “confirmou” que o menino se parecia. O menino, após a cena, chorou e a professora para se sensibilizar pediu desculpas para o mesmo, dizendo que foi apenas uma brincadeira.

O fator para a prática de *bullying* neste tipo de caso se formula pela maneira como a agressão é feita, seja ela psicológica ou física, que é acometido pela vítima que na maioria das vezes não tem condições de reagir às agressões dos outros colegas ou de forças maiores, como no caso a “professora”. Dessa forma, tal comentário incitado provoca nos outros alunos também uma imediata reação, que se replica nos dias seguintes, acarretando, segundo Neto (2005), em um palco para as agressões, ao qual se multiplicam com o passar dos dias, se concretizando a prática de *Bullying* com a vítima.

O *Bullying*, nesse caso, se dá também pela relação de poder estabelecida entre adulto/criança, além do uso de manifestação de ordem verbal e psicológica, como: apelidos que humilham insultos, etc. Ao ser comparado de forma proposital ao personagem da novela por possuir características parecidas com o mesmo, que tinha como traços a homossexualidade. Dessa maneira, o menino acabou por ser apelidado de “Félix” pelos traços parecidos com a do personagem fictício da novela.

O segundo caso que separamos é de um menino de nove anos, australiano, Q. B., ao qual a mãe fez um vídeo em desespero pedindo pelo fim das agressões com o filho, que era alvo de *bullying* na escola aonde estuda por conta de uma deficiência própria (nanismo ou acondroplasia), que se caracteriza como um distúrbio genético autossômico dominante que afeta a ossificação endocondral, constituindo umas das causas do nanismo (CERVAN et. Al. 2008).

No vídeo publicado por sua mãe Y. B., fica nítido nível de sofrimento do menino que é tido como resposta a toda forma de agressão acometida ao mesmo, tendo no vídeo, frases como: “*me tira daqui agora*”; “*eu só quero me esfaquear no coração*”; “*eu só quero morrer agora*”, entre outras coisas, demonstrando em forma de sentimento toda angústia das práticas negativas de *bullying* cometidos ao mesmo.

Nesse sentido, o *bullying* entra nessa temática como uma forma de agressividade que é tida como um problema universal para o ser humano, principalmente nas escolas. Esta prática tida como um modo de agressão é caracterizado como afirmação de poder na relação com o outro, a vítima fica, por outro lado, sem forças ou condições de reagir às agressões, causando danos como: dor angústia, muitas vezes sendo praticadas em uma relação desigual de poder (NETO, 2005). No caso de Q. B. fatores como características físicas, como a “acondroplasia ou

nanismo”, foi motivo para torná-lo mais vulnerável as atitudes de agressões e dificultar a sua aceitação no grupo, sendo a rejeição um dos fatores potencializadores nas ocorrências de *bullying*. Assim, as agressões podem usar dessa diferença como razão motivacional para as agressões, sem motivo aparente e sem que elas sejam primordialmente a causa do assédio (NETO, 2005).

No terceiro caso escolhido para a formulação do trabalho, temos o menino de 14 anos que foi estuprado por um padre dentro de shopping Center em Guarujá, no litoral do estado de São Paulo. Esse caso ocorreu em 10 dezembro de 2019. O menino agredido relata que estava com outro jovem de 13 anos vendendo balas no semáforo quando um padre ofereceu lanches para eles. Logo após eles aceitarem, o padre os convidou para ir ao shopping. O menino de 13 anos já desconfiado avisou um segurança do centro comercial de que o suspeito havia prometido pagar um lanche em troca de favores sexuais. Com isso, a equipe de segurança passou a observar o padre A. e os meninos. Os seguranças invadiram o banheiro e o menino conseguiu sair pelo vão da porta.

Após a violência sexual sofrida, o rapaz ficou conhecido na comunidade onde mora e na escola como “padre” e desde o ocorrido sofre diversas formas de *bullying*, acabando por ter comportamentos agressivos, ficar receoso e com medo e não querer voltar mais escola. Ademais, é importante frisar que o caso em si trouxe diversas formas de dano psicológico tanto para a família, quanto para o menino, pois fatores sócio culturais (situação econômica relativamente baixa), comunidade pequena (favela) entre outras coisas potencializaram o surgimento de mais um problema na vida do menino, assim como, o *bullying* dentro da instituição escolar ao qual o mesmo estuda.

Assim, como neste caso, após o incidente do estupro e as diversas formas de *bullying*, o menino acabou por encaminhar-se para comportamentos mais agressivos e receosos, que para Neto (2005) podem ser um risco, pois quanto frequente a criança se tornar agressiva, quando adulta pode apresentar problemas sociais, associados a comportamentos antissociais, além de perda de oportunidades, instabilidade no trabalho e relacionamentos poucos duradouros. Dessa maneira, como no relato do menino, a prática de *bullying* pode causar descontentamento com a escola e modificar seu comprometimento com o desenvolvimento acadêmico e social.

## **5. OS IMPACTOS DA PRÁTICA DE *BULLYING* NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA: QUESTÕES PARA A PSICOLOGIA**

Como observamos nos casos acima citados, as vítimas de *bullying* podem enfrentar consequências físicas e emocionais de curto e longo espaço de tempo. As quais podem causar dificuldades acadêmicas, sociais, emocionais e legais aos mesmos. Dessa forma, as vítimas da prática de *bullying*, quando crianças são mais propensas a sofrerem depressão e baixa autoestima quando adultos a longo prazo (NETO, 2015).

A escola deve se atentar para os casos de *bullying* existentes nesse espaço, isso ocorre com adoção de estratégias e ações capazes de promover e prevenir essa prática, através da conscientização junto aos profissionais e estudantes.

Tais ações objetivam romper o ciclo vicioso que gera problemas sociais, emocionais, cognitivos e comportamentais e visam ao desenvolvimento direto ou indireto de competências específicas que propiciem o bem-estar e a qualidade de vida dos sujeitos (RODRIGUES *et al*, 2008, p. 68).

Ademais, esse trabalho deve ser executado juntamente com os psicólogos escolares que atuam exatamente na preservação desse bem-estar e qualidade de vida dos estudantes nas unidades escolares, desempenhando papel importante na execução dessas ações envolvendo toda a comunidade escolar. O psicólogo, por meio da Psicologia Escolar, passa a desenvolver suas competências de produção científica que envolver todo o contexto escolar, atendendo as especificidades de cada escola, esse profissional intervém, através da promoção, nos processos de desenvolvimento humano e aprendizagem (OLIVEIRA E MARINHO-ARAUJO, 2009). “Nesse sentido, a Psicologia Escolar se refere à Psicologia na escola, com todas as suas possibilidades e implicações no que diz respeito ao processo educativo” (OLIVEIRA; MARINHO ARAUJO, 2009, p. 651).

Entretanto, o profissional de psicologia escolar acaba tendo dificuldade de ter suas competências ainda serem questionáveis nas unidades escolares, esse espaço vem sendo conquistado aos poucos e possibilitando que sua prática seja participativa e atraente para os profissionais e alunos das escolas (RODRIGUES *et al*, 2008).

O psicólogo é o profissional apto para realizar um trabalho de prevenção e enfrentamento da violência escolar, ajudando a escola a construir espaços e relações mais saudáveis. Mas, para isso, é de fundamental importância que ele esteja inserido no ambiente da escola, participando do seu cotidiano para que possa ter uma atuação específica e mais voltada à realidade (FREIRE; AIRES, 2012, p. 58).

É importante que o psicólogo escolar faça observações, conheça os estudantes e famílias, converse com os professores, para adotar estratégias e ações preventivas e promoção da saúde aos estudantes, a fim de evitar e resolver conflitos já existentes. A sua atuação depende

de mapeamento, capacidade de observar e analisar as relações existentes entre as pessoas dentro da unidade escolar, sejam profissionais e estudantes, e, principalmente, estar preparado para enfrentar situações complexas que envolvem o *bullying* na escola, tendo em vista que os danos são muitos perigosos para a vida da pessoa que sofre com essa violência (FREIRE; AIRES, 2012).

A prevenção é essencial para tocar no assunto e contribuir para que os participantes façam uma autoanálise das suas ações na escola, tal prevenção deve trazer o assunto *bullying*, explicando o que seja, os fatos que realmente acontecem, mostrando ações dos possíveis agressores quanto das vítimas, não e deve evitar o assunto e sim trazê-lo à tona para ter efeitos entre os estudantes.

De tal modo que existe a prevenção primária que é voltada para os grupos que ainda não estão vivenciando o *bullying*, tem caráter educativo e traz efeitos, pois evitam novos fatos dessa violência. Já a prevenção secundária, é voltada para os grupos de riscos, com pessoas que possam apresentar problemas psicológicos, com fins de inibir possíveis situações de *bullying* emergentes nesses grupos. Por fim, a prevenção terciária é dirigida para todos os níveis, minimizar os efeitos e reduzir os problemas já existentes (RODRIGUES *et al*, 2008).

Entre umas das ações que contribuem para melhorar as relações entre estudantes, é a ludoterapia, “cujo objetivo seria evitar que a agressividade prejudicasse o desempenho escolar e as relações humanas” (SOUZA, 2001, p. 21), essa intervenção psicoterapêutica é lúdica e proporciona que o estudante tenha manifestações intelectuais e afetivas (SOUZA, 2001).

A ludoterapia se utiliza de brinquedos que contribuem para o desenvolvimento e a interação da criança com o contexto em que vivencia e em relação a si mesma, a exemplificar, a utilização de brinquedos com utilizam a musicalização, que contribui de forma efetiva em vários aspectos da vida da criança, inclusive na sua formação, tanto na sua composição física, psíquica, cognitiva e social. Entretanto, deve-se atentar para quais brinquedos que serão explorados pelos profissionais da psicologia, sendo importante verificar sua metodologia, suas consequências na utilização, quais conteúdos utilizar, ou seja, deve nortear e garantir a segurança do uso desses brinquedos pelas crianças (COSTA, 2018).

Desse modo, observa-se que a ludoterapia contribui para o desenvolvimento infantil, e que o brincar é um dos principais instrumentos utilizados para estabelecer a comunicação e o vínculo com a criança.

Jogos, brinquedos e brincadeiras são imprescindíveis à vida das crianças por promover o desenvolvimento físico, mental, social, cultural, e também às habilidades

de comunicação, expressão corporal e oral da criança. Por se acreditar que as atividades lúdicas são importantes no desenvolvimento da criança, psicólogos que lidam diariamente com criança devem estar prontos a intervir terapêuticamente não podendo ficar alheios ao brincar, ao jogo, às brincadeiras, pois tais atividades são o veículo do crescimento da criança, possibilitando-a explorar o mundo, descobrir-se, entender-se e posicionar-se em relação a si mesma e à sociedade de uma forma natural (COSTA, 2018, p. 57-58).

Ainda, o psicólogo escolar deve interagir com o processo de construção do Plano Político Pedagógico da escola; atuar junto à equipe gestora, professores e demais profissionais a fim de intermediar os conflitos do cotidiano, ainda, incentivar e possibilitar estudos e capacitações; possibilitar espaços de escuta psicológica, contribuindo para a ressignificação das relações interpessoais, a fim de solidificar o ambiente saudável (FREIRE; AIRES, 2012).

De tal modo, não há que se negar que o desenvolvimento infantil é drasticamente prejudicado quando do acontecimento do *bullying* em sujeitos em desenvolvimento, tendo em vista que se trata de um processo complexo que necessita de muitos cuidados no seu trajeto e situações vivenciadas na infância podem ocasionar danos irreparáveis de cunho psicológico e físicos também. O desenvolvimento regular da criança só ocorre quando cada etapa for realizada de forma satisfatória, como no movimento, fala, pensamento, habilidade social para interação com outras pessoas (HALPERN, 2015).

Vale ressaltar que, na infância é importante que formem os vínculos, assim como os cuidados e incentivos para os estímulos são importantes para a criança se desenvolver, na primeira infância tem mais atenção dos pais, mas à medida que vão crescendo e indo para berçários, escolas passam a ter novos vínculos que também irão construir para o seu crescimento físico e psicossocial, para que construam laços afetivos conheçam mais o que as coisas que os cercam (ANDRADE, *et al*, 2005).

À medida em que crescem, as interações vão se expandindo e possibilitando que o processo de desenvolvimento possa dar continuidade, desde que a criança continue sendo estimulada e participando das interações afetivas, isso colabora com a cognição, linguagem, percepção, na direção e controle do seu comportamento, “além disso, permite adquirir conhecimentos e habilidades, estabelecendo relações e construindo seu próprio ambiente físico e social” (ANDRADE, *et al*, 2005, p. 607).

Sendo importante que todos os profissionais que trabalham diretamente com crianças fiquem atentos aos fatores de risco que possam interferir no desenvolvimento infantil e prejudicar as crianças, causando problemas cognitivos, psicossociais e físicos, realmente compromete muito o desenvolvimento, podendo ocasionar danos até à fase adulta, para tanto,

é necessário que ocorram intervenções preventivas e cessar o risco o quanto antes (MAIA; WILLIANS, 2005).

Os eventos estressantes da vida, considerados como quaisquer mudanças no ambiente que normalmente induzem a um alto grau de tensão e interferem nos padrões normais de resposta do indivíduo, têm sido associados a uma grande variedade de distúrbios físicos e mentais (MAIA; WILLIANS, 2005, p. 92).

Assim, caso a criança sofra algum *bullying* na escola, isso acarretará danos muitos graves ao seu desenvolvimento, prejudicando suas habilidades que seriam executadas com o desenvolvimento regular, isso pode vir a prejudicar a linguagem, cognição, o rendimento escolar, nas relações interpessoais e afetar, principalmente, o autoestima e seu emocional (MAIA; WILLIANS, 2005).

Ainda, vale registrar que toda a sociedade deve se preocupar e cuidar das crianças e adolescentes, conforme prevê a Organização das Nações Unidas (ONU) em Declaração dos Direitos da Criança que “a criança, por motivo de sua falta de maturidade física e intelectual, tem necessidade de proteção e cuidados especiais, nomeadamente de proteção jurídica adequada, tanto antes como depois do nascimento” (ONU, 1959, p. 01).

Diante disso, é imprescindível que a família e a escola estejam atentas aos cuidados das crianças, proporcionando ambientes saudáveis e de prática que sejam favoráveis ao desenvolvimento infantil (ANDRADE, *et al*, 2005), ademais, o psicólogo escolar deve engajar nas suas atribuições dentro do espaço escolar, voltando-se para estratégias e ações que possibilitem minimizar e evitar que os estudantes comprometam sua saúde física e mental e prejudiquem o processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista que o bem maior é a educação dos estudantes com qualidade, e isso só ocorrerá visando o bem-estar desses estudantes.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *bullying* na escola, conforme visto anteriormente, remete a violência praticada entre estudantes que acabam, sejam de forma intencional ou não, ofendendo física ou psicologicamente outros colegas, a fim de prejudicar ou causar mal-estar. Essa é uma prática corriqueira e que causa danos, por vezes, irreversíveis no desenvolvimento da criança.

Ao retratar os tipos de *bullying* que são praticados em unidades escolares através de mídias e sites de jornais, demonstra como é sofrer *bullying* e qual o risco para sua saúde, podendo alguns casos a desejarem o suicídio para esquecer e apagar as dores sofridas. Diante disso, é importante reconhecer os reflexos que as exposições de casos dessa violência em mídias

digitais, tendo em vista, que são fatos reais que podem acontecer em qualquer ambiente escolar e não deve ser menosprezado, pelo contrário, os profissionais da educação juntamente com o psicólogo escolar devem adotar mecanismos de prevenção e resolução de conflitos já existentes, a fim de dar todo o apoio necessário à vítima. A família também precisa estar atenta a possíveis situações de *bullying* sofrido pelos filhos e levar esse fato à unidade escolar, procurar sempre estar próximos e dar todo o apoio necessário.

Ao analisar as reportagens foram possíveis verificar todos os traços e informações disponíveis nos discursos e como o *bullying* afeta diretamente toda a família e não apenas a vítima, o temor em proteger e cuidar da criança e/ou adolescente e vontade expressa em buscar ajuda e direitos contra esse ato de violência praticado em escolas. São discursos puros e sofridos de cuidadoras que pedem socorro aos filhos. Ademais, foi possível verificar quão diversos são os tipos de *bullying* praticados, não existindo apenas em uma modalidade, mas são atos específicos a atacar determinada pessoa.

É de suma importância que o psicólogo conheça as estratégias de defesa e prevenção dos conflitos existente entre crianças, bem como, atue, de forma efetiva, nas práticas de *bullying* existentes. É preciso abrir espaços de interlocução e reflexão com os estudantes para o perigo de praticar o *bullying* e quando sofrê-lo, buscar ajuda imediata, a fim de evitar futuros danos com a violência sofrida diariamente na escola. A atuação do psicólogo irá corroborar com o desenvolvimento infantil, mas, também, com um ambiente saudável e harmônico nas unidades escolares.

Desta feita, por ser um assunto completo e delicado, e, infelizmente, estando cada vez mais presente nas escolas e de “n” maneiras a praticá-lo, o *bullying* não deve ser esquecido ou deixado de lado, pelo contrário, levar esse conhecimento à sociedade para que ocorram movimentos positivos na luta contra as práticas de *bullying*, trazê-lo à tona é possibilitar que futuros casos não ocorram e, assim, pessoas não sofram com essas práticas.

## 7. REFERÊNCIAS

ANDRADA, E. G. C. Novos Paradigmas na Prática do Psicólogo Escolar. Universidade Federal de Santa Catarina. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2005, 18(2), pp.196-199. Disponível em < <https://www.scielo.br/pdf/prc/v18n2/27470.pdf>>. Acesso em 06 abr 2019.

ANDRADE, S. A. *Et al.* Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. **Rev. Saúde Pública**. Rev. Saúde Pública. vol.39. n. 4. São

Paulo, 2005. Disponível em <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102005000400014&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102005000400014&script=sci_arttext)> Acesso em 04 mai 2020.

ASSIS, S. G. de; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Editora Ficruz, 2010.

CERVAN, M. P.; SILVA, M. C. P.; LIMA, R. L. O.; COSTA, R. F. Estudo Comparativo do Nível de Qualidade de Vida Entre Sujeitos Acondroplásicos e Não-Acondroplásicos. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0047-20852008000200004](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852008000200004)>. Acesso 07 mai 2019.

BALDISSERA, A. Pesquisa-Ação: Uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Sociedade em Debate**, Pelotas, 2001. Disponível em <<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rsd/article/view/570>>. Acesso em 05 abr 2019.

BENTO, M. A.; FERREIRA, D. R. M. A prática da pesquisa em ciência social: uma estratégia de decisão e ação. **Revista de administração pública**. V. 17, N. 4, Rio de Janeiro. 1983. Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/10629>>. Acesso em 18 fev 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. 4ª Ed. São Paulo: Saraiva, 1990. Disponível em <[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf)>. Acesso em 03 abr 2020.

CHALITA, G. **Pedagogia da amizade – bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores**. São Paulo: Gente, 2008.

COSTA, L. Ludoterapia: o uso de brinquedos cantados no processo psicoterapêutico infantil. **Revista Eletrônica Estácio Papirus**, v.5, n.1, p. 54-68, jan./jun. 2018. Disponível em <<http://periodicos.estacio.br/index.php/papirussantacatarina/article/view/4277/47964944>>. Acesso em 24 jun 2020.

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Verus, 2005.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola. São Paulo, Brasil, 1996.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FREIRE, A. N; AIRES, J. S. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do *Bullying*. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, Vol. 16, N. 1. São Paulo, 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572012000100006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000100006)>. Acesso em 25 abr 2019.

- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HALPERN, R. **Manual de Pediatria do desenvolvimento e comportamento**. 1. Ed. Barueri, SP: Manole, 2015.
- JUNIOR, F. B. A. **Psiquiatria da infância e da adolescência: casos clínicos**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MAIA, J. M. D.; WILLIAMS, L. C. A. Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. **Temas em Psicologia**. Vol. 13, no 2. Ribeirão Preto, 2005. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751425002.pdf>>. Acesso em 05 mai 2020.
- MARTINEZ, A. M. O que pode fazer o psicólogo na escola? **Em Aberto**. V.23 n. 83, 2010. Disponível em <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2250/2217>>. Acesso em 10 mai 2019.
- MAURO, M. G. *Bullying*: Pensando alternativas e propostas para combater essa violência no contexto escolar. **Caderno Temático**. Volume II. Maringá, 2011. Disponível em <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2010/2010\\_uem\\_ped\\_pdp\\_margarete\\_gabarron\\_mauro.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_uem_ped_pdp_margarete_gabarron_mauro.pdf)>. Acesso em 02 agos 2019.
- MONTEIRO, C. M. V. R.; COLL DELGADO, A. C. Crianças, Brincar, Culturas da Infância e Cultura Lúdica: uma análise dos estudos da infância. **Saber & Educar**, n. 19, 2014. Disponível em: <<http://revista.esepf.pt/index.php/sabereducar/article/view/80>>. Acesso em: 04 Abr. 2020.
- NETO, A. A. Lopes. *Bullying*: Comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria** - Vol. 81, Nº5, 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s002175572005000700006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s002175572005000700006&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em 10 mar 2020.
- NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, V. 1, nº 3, 1996. Disponível em <[https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/54648986/PESQUISA\\_QUALITATIVA\\_CARACTERISTICAS\\_USO.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DPESQUISA\\_QUALITATIVA\\_CARACTERISTICA\\_S\\_USO.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20200220%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4\\_request&X-Amz-Date=20200220T155722Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-AmzSignature=85de95db2f62bec1f03016712032f1ed0155c750d268fd215d48bc40191e5827](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/54648986/PESQUISA_QUALITATIVA_CARACTERISTICAS_USO.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DPESQUISA_QUALITATIVA_CARACTERISTICA_S_USO.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20200220%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20200220T155722Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-AmzSignature=85de95db2f62bec1f03016712032f1ed0155c750d268fd215d48bc40191e5827)>. Acesso em 20 fev 2020.

OLIVEIRA, C. B. E.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar: cenários atuais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, ano 9, n. 3, 2009. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v1n1/v1n1a08.pdf>>. Acesso em 27 abr 2020.

ONU. **DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA**. Resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas n.º 1386 (XIV), de 20 de Novembro de 1959. Disponível em <[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs\\_referencia/declaracao\\_universal\\_direitos\\_crianca.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf)>. Acesso em 05 mai 2020.

PINHEIRO, M. C. M. A constituição do conceito de infância e algumas questões relativas ao corpo: da idade média à modernidade. **Revista Poiésis** – Volume I, Número 1, 2003. Disponível em <[http://www.uricer.edu.br/cursos/arq\\_trabalhos\\_usuario/3003.pdf](http://www.uricer.edu.br/cursos/arq_trabalhos_usuario/3003.pdf)>. Acesso em 20 fev 2020.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODRIGUES, M. C. *Et al.* Prevenção e Promoção de Saúde na Escola: Concepções e Práticas de Psicólogos Escolares. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2008. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v1n1/v1n1a08.pdf>>. Acesso em 27 abr 2020.

SANTOS, A. M. & GROSSI, P. K. Fenômeno *Bullying*: desvendando esta violência nas escolas públicas de Porto Alegre. **Revista Textos & Contextos**. v. 7, n. 2, Porto Alegre. 2008. Disponível em <[https://pdfs.semanticscholar.org/59dc/958bf4e1854f51cf1971a7e3fddc8a08efc9.pdf?\\_ga=2.115864774.1590753631.1582307906-240917282.1582307906](https://pdfs.semanticscholar.org/59dc/958bf4e1854f51cf1971a7e3fddc8a08efc9.pdf?_ga=2.115864774.1590753631.1582307906-240917282.1582307906)>. Acesso em 15 mai 2019.

SANTOS, A. P. T. A presença do *bullying* na mídia cinematográfica como contribuição para a educação. **Dissertação de mestrado**. Marília, 2009. Disponível em <[www.educadores.diaadia.pr.gov.br › modules › visit](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/visit/)>. Acesso em 10 mar 2020.

SOUZA, M. A. Intervenção psicoterapêutica em meninos agressivos escolares como prevenção de comportamento transgressor futuro. **Revista Psicologia – Teoria e Prática**. Universidade de São Paulo. v. 3 n. 2. 2001. Disponível em <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1087>>. Acesso em 26 abr 2020.